

GIL VICENTE



O AUTO DA

BARCA  
DO  
INFERNO

E OUTRAS  
HISTÓRIAS

GIL VICENTE



O AUTO DA

BARCA  
DO  
INFERNO

E OUTRAS  
HISTÓRIAS



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto  
Gil Vicente  
Imagens  
Morphart Creation/Shutterstock.com;  
Golden Shrimp/Shutterstock.com;  
UIMi/Shutterstock.com  
Revisão  
Project Nine Editorial  
Produção e projeto gráfico  
Ciranda Cultural

# SUMÁRIO

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

V632a	Vicente, Gil, 1465-1536
	O auto da barca do Inferno / Gil Vicente. - Jandira, SP : Principis, 2019. 224 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)
	Inclui índice. ISBN: 978-85-380-9219-3
	1. Literatura portuguesa. I. Título. II. Série.
2019-1976	CDD 869 CDU 821.134.3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869
2. Literatura brasileira 821.134.3

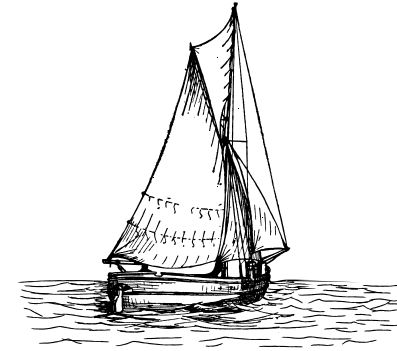
O AUTO DA BARCA DO INFERNO.....	7
FARSA OU AUTO DE INÊS PEREIRA.....	47
O VELHO DA HORTA.....	95
AUTO DA ALMA.....	126
AUTO DA MOFINA MENDES .....	157
AUTO DA FEIRA.....	186

1ª edição em 2019

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



# O AUTO DA BARCA DO INFERNO

Auto de moralidade composto por Gil Vicente por contemplação da sereníssima e muito católica rainha Lianor, nossa senhora, e representado por seu mandado ao poderoso príncipe e mui alto rei Manuel, primeiro de Portugal deste nome.

Começa a declaração e argumento da obra. Primeiramente, no presente auto, se figura que, no ponto que acabamos de espirar, chegamos subitamente a um rio, o qual per força havemos de passar em um de dous batéis que naquele porto estão, *scilicet*, um deles passa para o paraíso e o outro para o inferno: os quais batéis tem cada um seu arrais na proa: o do paraíso um anjo, e o do inferno um arrais infernal e um companheiro.

O primeiro interlocutor é um Fidalgo que chega com um Paje, que lhe leva um rabo mui comprido e uma cadeira de espaldas. E começa o Arrais do Inferno ante que o Fidalgo venha.

**Diabo** À barca, à barca, houlá!  
que temos gentil maré!  
– Ora venha o carro a ré!

**Companheiro** Feito, feito!  
 Bem está!  
 Vai tu muitieramá,  
 e atesa aquele palanco  
 e despeja aquele banco,  
 para a gente que virá.  
 À barca, à barca, hu-u!  
 Asinha, que se quer ir!  
 Oh, que tempo de partir,  
 louvores a Belzebu!  
 – Ora, sus! Que fazes tu?  
 Despeja todo esse leito!

**Companheiro** Em boa hora!  
 Feito, feito!

**Diabo** Abaixa aramá esse cu!  
 Faze aquela poja lesta  
 e alija aquela driça.

**Companheiro** Oh-oh, caça!  
 Oh-oh, iça, iça!

**Diabo** Oh, que caravela esta!  
 Põe bandeiras, que é festa.  
 Verga alta! Âncora a pique!  
 – Ó poderoso dom Anrique,  
 cá vindes vós?... Que cousa é esta?...

Vem o Fidalgo e, chegando ao batel infernal, diz:

**Fidalgo** Esta barca onde vai ora,  
 que assi está apercebida?

**Diabo** Vai pera a ilha perdida,  
 e há-de partir logo ess'ora.

**Fidalgo** Pera lá vai a senhora?

**Diabo** Senhor, a vosso serviço.

**Fidalgo** Parece-me isso cortiço...

**Diabo** Porque a vedes lá de fora.

**Fidalgo** Porém, a que terra passais?

**Diabo** Pera o Inferno, senhor.

**Fidalgo** Terra é bem sem-sabor.

**Diabo** Quê?... E também cá zombais?

**Fidalgo** E passageiros achais  
 pera tal habitação?

**Diabo** Vejo-vos eu em feição  
 para ir ao nosso cais...

**Fidalgo** Parece-te a ti assi!...

**Diabo** Em que esperas ter guarida?

**Fidalgo** Que leixo na outra vida  
 quem reze sempre por mi.

**Diabo** Quem reze sempre por ti?!..  
 Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!...  
 E tu viveste a teu prazer,  
 cuidando cá guarnecer  
 por que<sup>1</sup> rezam lá por ti?!...  
 Embarca – ou embarcai...  
 que haveis de ir à derradeira!  
 Mandai meter a cadeira,  
 que assi passou vosso pai.

**Fidalgo** Quê? Quê? Quê? Assi lhe vai?!

**Diabo** Vai ou vem! Embarcai prestes!  
 Segundo lá escolheste,  
 assi cá vos contentai.  
 Pois que já a morte passastes,  
 haveis de passar o rio.

**Fidalgo** Não há aqui outro navio?

**Diabo** Não, senhor, que este fretastes,  
 e primeiro que expirastes  
 me destes logo sinal.

**Fidalgo** Que sinal foi esse tal?

**Diabo** Do que vós vos contentastes.

**Fidalgo** A estoura barca me vou.  
 Hou da barca! Para onde is?  
 Ah, barqueiros! Não me ouvis?  
 Respondei-me! Houlá! Hou!...

(Pardeus, aviado estou!  
 Cant'a isto é já pior... )  
*Oue jericocins*, salvador!  
 Cuidam cá que são eu grou?

**Anjo** Que quereis?

**Fidalgo** Que me digais,  
 pois parti tão sem aviso,  
 se a barca do Paraíso  
 é esta em que navegais.

**Anjo** Esta é; que demandais?

**Fidalgo** Que me leixeis embarcar.  
 Sou fidalgo de solar,  
 é bem que me recolhais.

**Anjo** Não se embarca tirania  
 neste batel divinal.

**Fidalgo** Não sei por que haveis por mal  
 que entre a minha senhoria...

**Anjo** Para vossa fantasia  
 mui estreita é esta barca.

**Fidalgo** Pera senhor de tal marca  
 nom há aqui mais cortesia?  
 Venha a prancha e atavio!  
 Levai-me desta ribeira!

**Anjo** Não vindes vós de maneira  
 pera entrar neste navio.

<sup>1</sup> Para esta obra foi adotada a regra dos “porquês” do português brasileiro.

Ess'outro vai mais vazio:  
a cadeira entrará  
e o rabo caberá e todo vosso  
senhorio.

Ireis lá mais espaçoso,  
vós e vossa senhoria,  
cuidando na tirania  
do pobre povo queixoso.  
E porque, de generoso,  
desprezastes os pequenos,  
achar-vos-eis tanto menos  
quanto mais fostes fumoso.

**Diabo** À barca, à barca, senhores!  
Oh! Que maré tão de prata!  
Um ventozinho que mata  
e valentes remadores!

Diz, cantando:

*Vós me veniredes a la mano,  
a la mano me veniredes.*

**Fidalgo** Ao Inferno, todavia!  
Inferno há i pera mi?  
Oh triste! Enquanto vivi  
não cuidei que o i havia:  
Tive que era fantasia!  
Folgava ser adorado,  
confiei em meu estado  
e não vi que me perdia.  
Venha essa prancha!  
Veremos esta barca de tristura.

**Diabo** Embarque vossa doçura,  
que cá nos entenderemos...  
Tomarês um par de remos,  
veremos como remais,  
e, chegando ao nosso cais,  
todos bem vos serviremos.

**Fidalgo** Esperar-me-ês vós aqui,  
tornarei à outra vida  
ver minha dama querida  
que se quer matar por mi.

**Diabo** Que se quer matar por ti?!...

**Fidalgo** Isto bem certo o sei eu.

**Diabo** Ó namorado sandeu,  
o maior que nunca vi!...

**Fidalgo** Como pod'rá isso ser,  
que m'escrevia mil dias?

**Diabo** Quantas mentiras que lias,  
e tu... morto de prazer!...

**Fidalgo** Para que é escarnecer,  
quem nom havia mais no bem?

**Diabo** Assi vivas tu, amém,  
como te tinha querer!

**Fidalgo** Isto quanto ao que eu conheço...

- Diabo** Pois estando tu expirando,  
se estava ela requebrando  
com outro de menos preço.
- Fidalgo** Dá-me licença, te peço,  
que vá ver minha mulher.
- Diabo** E ela, por não te ver,  
despenhar-se-á dum cabeça!  
Quanto ela hoje rezou,  
entre seus gritos e gritas,  
foi dar graças infinitas  
a quem a desassombrou.
- Fidalgo** Cant'a ela, bem chorou!
- Diabo** Nom há i choro de alegria?...
- Fidalgo** E as lástimas que dizia?
- Diabo** Sua mãe lhas ensinou...  
Entraí, meu senhor, entraí:  
Ei la prancha! Ponde o pé...
- Fidalgo** Entremos, pois que assi é.
- Diabo** Ora, senhor, descansai,  
passeai e suspirai.  
Em tanto virá mais gente.
- Fidalgo** Ó barca, como és ardente!  
Maldito quem em ti vai!

Diz o Diabo ao Moço da cadeira:

- Diabo** Nom entras cá! Vai-te d'i!  
A cadeira é cá sobeja;  
cousa que esteve na igreja  
nom se há-de embarcar aqui.  
Cá lhe darão de marfim,  
marchetada de dolores,  
com tais modos de lavoires,  
que estará fora de si...
- À barca, à barca, boa gente,  
que queremos dar à vela!  
Chegar ela! Chegar ela!  
Muitos e de boa mente!  
Oh! que barca tão valente!

Vem um Onzeneiro, e pergunta ao Arrais do Inferno, dizendo:

- Onzeneiro** Para onde caminhais?
- Diabo** Oh! Que má hora venhais,  
Onzeneiro, meu parente!  
Como tardastes vós tanto?
- Onzeneiro** Mais quisera eu lá tardar...  
Na safra do apanhar  
me deu Saturno quebranto.
- Diabo** Ora mui muito m'espanto  
nom vos livrar o dinheiro!...



**Onzeneiro** Solamente para o barqueiro  
nom me leixaram nem tanto...

**Diabo** Ora entrai, entrai aqui!

**Onzeneiro** Não hei eu i d'embarcar!

**Diabo** Oh! Que gentil reçar,  
e que cousas para mi!...

**Onzeneiro** Ainda agora faleci,  
leixa-me buscar batel!

**Diabo** Pesar de Jam Pimentel!  
Por que não irás aqui?...

**Onzeneiro** E pera onde é a viagem?

**Diabo** Pera onde tu hás de ir.

**Onzeneiro** Havemos logo de partir?

**Diabo** Não cures de mais linguagem.

**Onzeneiro** Mas para onde é a passagem?

**Diabo** Para a infernal comarca.

**Onzeneiro** Diz! Nom vou eu tal barca.  
Est'outra tem avante

Vai-se à barca do Anjo, e diz:

Hou da barca! Houlá! Hou!  
Haveis logo de partir?

**Anjo** E onde queres tu ir?

**Onzeneiro** Eu pera o Paraíso vou.

**Anjo** Pois cant'eu mui fora estou  
de te levar para lá.  
Ess'outra te levará;  
vai para quem te enganou!

**Onzeneiro** Por quê?

**Anjo** Porque esse bolsão  
tomará todo o navio.

**Onzeneiro** Juro a Deus que vai vazio!

**Anjo** Não já no teu coração.

**Onzeneiro** Lá me fica, de rondão,  
minha fazenda e alhea.

**Anjo** Ó onzena, como és feia  
e filha de maldição!

Torna o Onzeneiro à barca do Inferno e diz:

**Onzeneiro** Houlá! Hou! Demo barqueiro!  
Sabês vós no que me fundo?  
Quero lá tornar ao mundo  
e trazer o meu dinheiro.  
que aqueloutro marinheiro,

porque me vê vir sem nada,  
dá-me tanta borregada  
como arrais lá do Barreiro.

**Diabo** Entra, entra, e remarás!  
Nom percamos mais maré!

**Onzeneiro** Todavia...

**Diabo** Per força é!  
Que te pês, cá entrarás!  
Irás servir Satanás,  
pois que sempre te ajudou.

**Onzeneiro** Oh! Triste, quem me cegou?

**Diabo** Cal'te, que cá chorarás.

Entrando o Onzeneiro no batel, onde achou o Fidalgo embarcado, diz tirando o barrete:

**Onzeneiro** Santa Joana de Valdês!  
Cá é vossa senhoria?

**Fidalgo** Dá ó demo a cortesia!

**Diabo** Ouvis? Falai vós cortês!  
Vós, fidalgo, cuidareis  
que estais na vossa pousada?  
Dar-vos-ei tanta pancada  
com um remo que renegueis!

Vem Joane, o Parvo, e diz ao Arrais do Inferno:

**Parvo** Hou daquesta!

**Diabo** Quem é?

**Parvo** Eu soo.  
É esta a naviarra nossa?

**Diabo** De quem?

**Parvo** Dos tolos.

**Diabo** Vossa.  
Entra!

**Parvo** De pulo ou de voo?  
Hou! Pesar de meu avô!  
Soma, vim adoecer  
e fui má hora morrer,  
e nela, para mi só.

**Diabo** De que morreste?

**Parvo** De quê?  
Samicas de caganeira.

**Diabo** De quê?

**Parvo** De caga merdeira!  
Má rabugem que te dê!

**Diabo** Entra! Põe aqui o pé!

**Parvo** Houlá! Nom tombe o zambuco!

**Diabo** Entra, tolaço eunuco,  
que se nos vai a maré!

**Parvo** Aguardai, aguardai, houlá!  
E onde havemos nós d'ir ter?

**Diabo** Ao porto de Lucifer.

**Parvo** Ha-á-a...

**Diabo** Ó Inferno! Entra cá!

**Parvo** Ó Inferno?... Era má...  
Hiu! Hiu! Barca do cornudo.  
Pêro Vinagre, beçudo,  
rachador d'Alverca, huhá!  
Sapateiro da Candosa!  
Antrecosto de carrapato!  
Hiu! Hiu! Caga no sapato,  
filho da grande aleivosa!  
Tua mulher é tinhosa  
e há-de parir um sapo  
chantado no guardanapo!  
Neto de cagarrinhosa!

Furta cebolas! Hiu! Hiu!  
Excomungado nas erguejas!  
Burrela, cornudo sejas!  
Toma o pão que te caiu!  
A mulher que te fugiu  
Per'a Ilha da Madeira!  
Cornudo até mangueira,  
toma o pão que te caiu!

Hiu! Hiu! Lanço-te uma pulha!  
Dê-dê! Pica naquela!  
Hump! Hump! Caga na vela!  
Hio, cabeça de grulha!  
Perna de cigarra velha,  
caganita de coelha,  
pelourinho da Pampulha!  
Mija n'agulha, mija n'agulha!

Chega o Parvo ao batel do Anjo e diz:

**Parvo** Hou da barca!

**Anjo** Que me queres?

**Parvo** Queres-me passar além?

**Anjo** Quem és tu?

**Parvo** Samica alguém.

**Anjo** Tu passarás, se quiseres;  
porque em todos teus fazeres  
per malícia nom erraste.  
Tua simpleza t'abaste  
pera gozar dos prazeres.  
Espera entanto per i:  
veremos se vem alguém,  
merecedor de tal bem,  
que deva de entrar aqui.

Vem um Sapateiro com seu avental e carregado de formas, e chega ao batel infernal, e diz:

**Sapateiro** Hou da barca!

**Diabo** Quem vem i?  
Santo sapateiro honrado,  
como vens tão carregado?...

**Sapateiro** Mandaram-me vir assim...  
E pera onde é a viagem?

**Diabo** Para o lago dos danados.

**Sapateiro** Os que morrem confessados  
onde têm sua passagem?

**Diabo** Nom cures de mais linguagem!  
Esta é a tua barca, esta!

**Sapateiro** Renegaria eu da festa  
e da puta da barcagem!  
Como poderá isso ser,  
confessado e comungado?!...

**Diabo** Tu morreste excomungado:  
Nom o quiseste dizer.  
Esperavas de viver,  
calaste dous mil enganados...  
Tu roubaste bem trint'anos  
o povo com teu mester.  
Embarca, era má para ti,  
que há já muito que t'espero!

**Sapateiro** Pois digo-te que nom quero!

**Diabo** Que te pês, hás de ir, si, si!

**Sapateiro** Quantas missas eu ouvi,  
nom me hão elas de prestar?

**Diabo** Ouvir missa, então roubar,  
é caminho per'aqui.

**Sapateiro** E as ofertas que darão?  
E as horas dos finados?

**Diabo** E os dinheiros mal levados,  
que foi da satisfação?

**Sapateiro** Ah! Nom praza ó cordovão,  
nem à puta da badana,  
se é esta boa traquitana  
em que se vê Jan Antão!  
Ora juro a Deus que é graça!

Vai-se à barca do Anjo, e diz:

Hou da santa caravela,  
poderês levar-me nela?

**Anjo** A carrega t'embaraça.

**Sapateiro** Nom há mercê que me Deus faça?  
Isto sequer irá.

**Anjo** Essa barca que lá está  
Leva quem rouba de praça.  
Oh! Almas embaraçadas!

**Sapateiro** Ora eu me maravilho  
 haverdes por grão peguilho  
 quatro forminhas cagadas  
 que podem bem ir chantadas  
 num cantinho desse leito!

**Anjo** Se tu viveras direito,  
 Elas foram cá escusadas.

**Sapateiro** Assi que determinais  
 que vá cozer ó Inferno?

**Anjo** Escrito estás no caderno  
 das ementas infernais.

Torna-se à barca dos danados, e diz:

**Sapateiro** Hou barqueiros! Que aguardais?  
 Vamos, venha a prancha logo  
 e levai-me àquele fogo!  
 Não nos detenhamos mais!

Vem um Frade com uma Moça pela mão, e um broquel e uma espada na outra,  
 e um casco debaixo do capelo; e, ele mesmo fazendo a baixa, começou dançar,  
 dizendo:

**Frade** Tai-rai-rai-ra-rã; ta-ri-ri-rã;  
 ta-rai-rai-rai-rã; tai-ri-ri-rã:  
 tã-tã; ta-ri-rim-rim-rã. Huhá!

**Diabo** Que é isso, padre?! Que vai lá?

**Frade** *Deo gratias!* Som cortêsão.

**Diabo** Sabês também o tordião?

**Frade** Por que não? Como ora sei!

**Diabo** Pois entrai! Eu tangerei  
 e faremos um serão.  
 Essa dama é ela vossa?

**Frade** Por minha lá tenho eu,  
 e sempre a tive de meu,

**Diabo** Fizestes bem, que é formosa!  
 E não vos punham lá grosa  
 no vosso convento santo?

**Frade** E eles fazem outro tanto!

**Diabo** Que cousa tão preciosa...  
 Entrai, padre reverendo!

**Frade** Para onde levais gente?

**Diabo** Pera aquele fogo ardente  
 que nom temestes vivendo.

**Frade** Juro a Deus que nom t'entendo!  
 E este hábito não me vai?

**Diabo** Gentil padre mundanal,  
 a Belzebu vos encomendo!

**Frade** Corpo de Deus consagrado!  
 Pela fé de Jesus Cristo,

que eu nom posso entender isto!  
Eu hei de ser condenado?!...  
Um padre tão namorado  
e tanto dado à virtude?  
Assi Deus me dê saúde,  
que eu estou maravilhado!

**Diabo** Não curês de mais detença.  
Embarcai e partiremos:  
tomareis um par de ramos.

**Frade** Nom ficou isso n'avença.

**Diabo** Pois dada está já a sentença!

**Frade** Pardeus! Essa seria ela!  
Não vai em tal caravela  
minha senhora Florença.

Como? Por ser namorado  
e folgar com uma mulher  
se há um Frade de perder,  
com tanto salmo rezado?!...

**Diabo** Ora estás bem aviado!

**Frade** Mais estás bem corrigido!

**Diabo** Devoto padre marido,  
haveis de ser cá pingado...

Descobriu o Frade a cabeça, tirando o capelo; e apareceu o casco, e diz o Frade:

**Frade** Mantenha Deus esta c'oroa!

**Diabo** Ó padre Frei Capacete!  
Cuidei que tínheis barrete...

**Frade** Sabê que fui da pessoa!  
Esta espada é roloa  
e este broquel, rolão.

**Diabo** Dê Vossa Reverenda lição  
d'esgrima, que é cousa boa!

Começou o Frade a dar lição d'esgrima com a espada e broquel, que eram d'esgrimir, e diz desta maneira:

**Frade** *Deo gratias!* Demos caçada!  
Pera sempre contra sus!  
Um fendente! Ora sus!  
Esta é a primeira levada.  
Alto! Levantai a espada!  
Talho largo, e um revés!  
E logo colher os pés,  
que todo o al no é nada!

Quando o recolher se tarda  
o ferir nom é prudente.  
Ora, sus! Mui largamente,  
cortai na segunda guarda!  
– Guarde-me Deus d'espingarda  
mais de homem denodado.  
Aqui estou tão bem guardado  
como a palha n'albarda.

Saio com meia espada...  
Hou lá! Guardai as queixadas!

**Diabo** Oh que valentes levadas!

**Frade** Ainda isto nom é nada...  
Demos outra vez caçada!  
Contra sus e um fendente,  
e, cortando largamente,  
eis aqui sexta feitada.

Daqui saio com uma guia  
e um revés da primeira:  
esta é a quinta verdadeira.  
– Oh! quantos daqui ferial!...  
Padre que tal aprendia  
no Inferno há de haver pingos?!...  
Ah! Nom praza a São Domingos  
com tanta descortesia!

Tornou a tomar a Moça pela mão, dizendo:

**Frade** – Vamos à barca da Glória!

Começou o Frade a fazer o tordião e foram dançando até o batel do Anjo desta maneira:

**Frade** Ta-ra-ra-rai-rã; ta-ri-ri-ri-rã;  
rai-rai-rã; ta-ri-ri-rã; ta-ri-ri-rã.  
Huhá!

*Deo gratias!* Há lugar cá  
pera minha reverenda?

E a senhora Florença  
polo meu entrará lá!

**Parvo** Andar, muitieramá!  
Furtaste esse trinchão, Frade?

**Frade** Senhora, dá-me à vontade  
que este feito mal está.  
Vamos onde havemos d'ir!  
Não praza a Deus coa a ribeira!  
Eu não vejo aqui maneira  
senão, enfim, concrudir.

**Diabo** Haveis, padre, de vir.

**Frade** Agasalhai-me lá Florença,  
e compra-se esta sentença:  
ordenemos de partir.

Tanto que o Frade foi embarcado, veio uma Alcoviteira, per nome Brízida Vaz, a qual chegando à barca infernal, diz desta maneira:

**Brízida** Hou lá da barca, hou lá!

**Diabo** Quem chama?

**Brízida** Brízida Vaz.

**Diabo** E aguarda-me, rapaz?  
Como nom vem ela já?

**Companheiro** Diz que nom há-de vir cá  
sem Joana de Valdês.